

Recepção de Sua Magestade a Rainha D. Estephania no pavilhão real. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho.

O romper da aurora do memoravel dia 18 do corrente mez foi saudado pelas salvas do castello de S. Jorge, das fortalezas, das embarcações de guerra nacionaes e estrangeiras, e pelo castello que a guarda municipal levantou na antiga egreja do Carmo. O dia nascêra formoso, e não menos alegre acordára áquelle primeiro troar do canhão o povo que, em ondas do mais variado matiz, percorria já as ruas e praças do transito, tomando logar proprio para gozar a brilhante festividade que em breves horas devia começar. Nenhuma nuvem perturbava a pureza d'este ceo abençoado, e o sol levantando-se do seu leito de rosas, subindo pelo horisonte desassombrado e raiando com toda a intensidade do seu brilho, parecia sorrir-se lá das suas remotas alturas, para a bella rainha que, sobre as limpidas e tranquillas aguas do Tejo, anhelava saltar na terra que ia adoptal-a como a primeira das suas filhas.

Ás 9 horas e 12 minutos os canhões troavam de novo, como signal de que sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v saía do palacio das Necessidades; e eram 10 horas e 8 minutos, quando as bandas marciaes das alas militares, e dos regimentos 4 e 17 que dominavam as galerias oriental e occidental do pavilhão real, entoando todas o hymno d'el-rei, exaltavam a chegada de sua magestade á Praça do Commercio.

O cortejo appareceu com todo o rigor das etiquetas da corte, e com todo o luxo e esplendor da pompa real em dias de suprema gala. Compunha-se principalmente de dez coches d'estado, oito antigos, e dois restaurados, conduzindo os officiaes da casa real, as damas das senhoras infantas, e as pessoas reaes. O serenissimo senhor infante D. João commandava o regimento de caçadores a cavallo, que desfilava á frente da guarda de honra, composta de toda a força de cavallaria existente em Lisboa, e que seguia o coche da coroa.

A familia real foi recebida no grande pavilhão pela corte toda, que já ahi estava reunida, e pela corporação municipal; e, em acto continuo, seguiu logo para o caes das columnas, onde, embarcando, se di-

rigiu a bordo da fragata real, que se conservava no local em que na vespera fundeára. N'este, como nos momentos em que o real bergantim chegou á fragata, e em que largou d'ella, salvaram todas as embarcações. Era para admirar o quadro que, durante a presença e transito de suas magestades no mar, o nosso bello Tejo apresentava. A descripção, por muito fiel que fosse, e por mais revestida com as galas do estilo que se apresentasse, ficaria sempre inferior á realidade de tão surprehendente perspectiva. O rio encantava os olhos e os ouvidos, porque resplandecia de luz, porque sobresaía de colorido e movimento, porque o espaço que o coroava vivia de estrondo. Dominando o profuso numero de pequenas embarcações que, cheias de homens e senhoras, meneando uns os seus chapeos, outras os seus lenços, o coalhavam, erguiam-se e cruzavam-se os mastros gigantes das grandes embarcações de guerra, engrinaldados de galhardetes de todas as côres, e cujos apices, figurando tocar no ceo, pareciam d'ahi receber e conduzir a inspiração de que aquelle espaço estava cheio. Da sua base continuas ondas d'alvo fumo rebentavam e se ennovelavam como nuvens. No fundo, pelos intervallos dos mastros e das vergas toldadas de marinheiros, tremolavam os raios do sol, que a superficie polida das aguas reflectia. Era o ceo que alli se abria.

Eram 11 horas e 48 minutos, quando com as musicas dos regimentos 4 e 17, que estavam postadas nas galerias oriental e occidental do pavilhão real, alternando os hymnos nacional e o de sua magestade a rainha, novas salvas e infinito numero de foguetes, subindo quasi a um tempo ao ar, annunciaram o auspicioso momento em que sua magestade a rainha pisava o solo de Portugal. Os regios esposos foram recebidos sob palio pela camara municipal, pela corte e notabilidades nacionaes e estrangeiras.

Quando a rainha appareceu, o povo deu signal de surpreza. Póde dizer-se que sua magestade deslumbrou os espectadores, não obstante o conhecimento que, pelas descripções dos jornaes, já tinham das qualidades physicas e moraes da augusta personagem. A real noiva vestia elegantemente de branco. Preciosas rendas e delicadissimos enfeites de murta e flor de laranjeira ornavam o seu vestido. Na sua nobre fronte um diadema de primoroso desenho, contendo mais de quatro mil brilhantes, reflectia a luz com admiravel profusão, formando em torno da sua cabeça uma aureola radiante. Um ramo de flor de laranjeira, presente do rei dos floristas, Constantino, e a fita matizada da distincta ordem portugueza de Santa Isabel, lhe ornavam o peito, e um véo de finissima renda lhe pendia dos hombros. Porém, mais do que tudo isto lhe brilhavam no rosto os encantos naturaes. Sua magestade possue uma d'essas physionomias decisivas, e que desde logo attrahem os corações. A franqueza dos contornos graciosos do seu rosto e suave animação de seus olhos rasgados, vive unida a expressão singela da innocencia e da ingenuidade, como para lhe augmentar o realce. Em coração algum dos que a viram, deixou de brotar energica sympathia por aquella fronte real ornada de modestia. Sangue agitado pela intima satisfação lhe avivava o colorido das faces, e um sorriso encantador lhe fluctuava nos labios. A rainha mostrava que ineffavel alegria lhe repassava o peito.

Cercaram a familia real a corte e as outras notabilidades. Sua magestade el-rei D. Fernando dava o braço á serenissima senhora infanta D. Maria Anna, e o senhor infante D. Luiz á serenissima senhora infanta D. Antonia: n'esta ordem subiram ao regio pavilhão, no qual, seguindo o costume de todos os nossos monarchas em tão solemnes dias, sua magestade el-rei D. Pedro v deu a direita á rainha. Foi n'esta occasião que o povo, julgando dever esquecer as ordens que lhe matavam os desejos da alma, invadiu enthusiastico os tres pavilhões. Reputâmol-o justo; porque não menos, se não superior direito tinha a ver, conhecer e admirar a sua rainha. De mais, era a alegria, era o amor que o levavam a esse excesso. Estava, portanto, no mais legitimo dos direitos, porque era um excesso louvavel. As sentinellas e os encarregados da vigilancia pela fiel observação das ordens não reagiram, porque o acto das turbas fallava-lhes ao coração. Foi um acto inspirado e poetico esse que levou o povo a confundir-se com a corte, como querendo tornar mais expressiva a significação do real consorcio, como acto politico, a união da familia portugueza com a sua nova rainha.

O quadro que formava a scena da recepção no pavilhão real não era menos admiravel e poetico pela variedade das galas, pela expressão jubilosa que animava todas as physionomias, e pelas reflexões que devia forçosamente inspirar em todas aquellas cabeças que em frente d'elle, coroando a vasta extensão da praça, o contemplavam profundamente. Alli brilhava uma coroa, a cujos ramos principiava a ligar-se uma grande parte dos destinos de Portugal. Se do joven monarcha um dia as paixões, que em nenhum mortal deixam de existir, se estimulassem pelos dissabores tão frequentes da vida politica, alli palpitava o coração que mais promptamente lhes podia temperar o ardor com as caricias e conselhos sempre poderosos, sempre efficazes, do amor. Estava alli o sublime antidoto, em cujos braços morrem todos os venenos. Que fogo de desespêro ou cholera haverá, por mais intenso que seja, que uma lagrima d'aquelles olhos não apague? Qual será o desgosto ou amargura que não succumba ao meigo sorriso d'aquelles labios? Como para lhe lembrar o premio de tanto regozijo que o povo em massa lhe prodigalisava ante seus olhos, a mais eloquente das fallas vibrava n'aquelle momento no peito da rainha. Era o carpir das saudades. A patria ainda de longe a chamava, ao que o povo portuguez respondia: «Não váe, porque já é nossa.» E a patria dizia-lhe então o ultimo adeus, esse adeus supremo que um pae dá a seu filho quando se separa d'elle, esse adeus que, nascendo no coração e crescendo até ao ceo, brada com todas as forças d'alma: «Sê feliz.» A felicidade é a compensação das saudades. A felicidade d'uma rainha é a felicidade do seu povo, e a felicidade do povo é a paz e a liberdade.

Rainha! se não podes reinar directamente, podes reinar superiormente pela influencia do teu amor. E o reinado do amor é mil vezes mais venturoso que o reinado do direito!

Á chegada de suas magestades ao pavilhão real, a camara municipal dirigiu a sua magestade el-rei D. Pedro v uma breve allocução, a que o mesmo augusto senhor se dignou responder da maneira a mais honrosa para si, e a mais lisonjeira para o povo portuguez, que a camara representava. Na sua curta, mas mui significativa resposta, o esperançoso monarcha mostrou-se superior a todas as grandezas e lisonjarias que, em larguissima profusão, o rodeavam. Como nunca, provou sua magestade n'aquella solemne occasião a grandeza do seu coração e a liberdade do seu espirito. N'ella fez sentir que á frente de todos os sentimentos e ambições dos reis, devem desfilar os sentimentos e ambições do amor dos povos. Recebeu as rosas que lhe lançaram, não com o sorriso egoista do orgulho e da vaidade lisonjeados, mas orvalhando-as com o pranto da dor, ainda não extincta, que a funesta epidemia lhe abriu no peito. Entre si e o quadro, não pouco para appetecer, dos encantos da esposa que o esperava de braços abertos; entre si e as galas das decorações magnificas que

sorriam á sua ventura, interpunha-se o phantasma d'esse monstro que tão grande e tão boa parte do povo devorou. Era grande força de superioridade e de sentimento. Como se quizesse fazer ver que a causa da felicidade do povo estava acima de tudo, o nobre monarcha abria inesperadamente o seu peito para tornar bem patente áquelles milhares de cabeças, entre as quaes nenhuma havia, talvez, que pensasse em amarguras, os soffrimentos que, através de tantos regozijos, ainda assim o repassavam. O discurso de sua magestade abria d'este modo: «Os breves annos do meu reinado poderiam definir-se demasiada experiencia para quem não póde aproveitar-se ainda d'ella toda. Não foram felizes.» Permittindo-se-nos a idéa, se bem cabida é, estas ultimas palavras parece quererem dizer: «Não ha razão para tanto»; e por isso mesmo, palavras que descobrem a alma sentida de D. Pedro v, palavras de elevadas aspirações, palavras de grandes esperanças, palavras que denunciam um coração almejante por um momento em que possa, alludindo ao seu reinado, dizer desaffrontadamente: «Somos felizes!»

Seguiu-se depois a curiosa ceremonia da apresentação das chaves da cidade pela camara municipal, que a nossa primeira estampa representa, e as quaes a rainha, dispensando breves e affectuosas palavras, recebeu tornando a deposital-as na salva. Finda esta ceremonia, o cortejo dirigiu-se, então, para o templo de S. Domingos, tomando o caminho da rua do Ouro, conforme estava designado no programma, acompanhando sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v e a senhora D. Estephania, o principe Leopoldo, irmão da regia noiva.

Não era menos surprehendente a vista que a rua do Ouro apresentava n'esta occasião, e que a nossa segunda estampa pretende figurar. O contraste da fórma e da perspectiva que os arcos d'entrada e de saída formavam; as cortinas de damasco e de seda, as riquissimas colchas de variado colorido, e sobre tudo o confuso numero de damas que, jubilosas, trajando elegantes e custosos vestidos, e espargindo, como copiosa chuva, continuada profusão de flores sobre os regios esposos, decoravam todas as janellas; o ondear das cabeças do povo, que pelos passeios abria tambem as suas alas; a pompa do prestito, o fluctuar das bandeiras, o luzir das armas, o estrepito das musicas e o clamor das saudações, faziam n'este momento da rua do Ouro a habitação da alegria.

(Continúa).

NOGUEIRA DA SILVA.

DIOGO ROTHSCHILD.

Era por fins de setembro 1793.

A Convenção, depois de ter appellado para todos os povos, convidando-os a quebrarem os sceptros dos tyrannos, vasava sobre a superficie da Europa um exercito de trezentos mil homens, com o fim de apoiar as suas doutrinas revolucionarias.

Grandes ou pequenos, poderosos ou fracos, os despotas fugiam nas azas do medo. Muitos d'elles, ao aproximarem-se as tropas republicanas, tão bravas, mas tão mal calçadas, nem tomavam tempo para emmalar-se, e salvar os thesouros. Entretanto um pequeno principe allemão, o landgrave de Hesse-Cassel, vendo fluctuar já a bandeira da revolução nos limites dos seus estados, teve bastante sangue frio e coragem para não imitar os que fugiam com as algibeiras vasias. Encaixotou os diamantes, com dois ou tres milhões de thalers, e tomou o caminho de Francfort, onde contava poder pôr em segurança a sua riqueza. Logo que chegou á velha cidade imperial, apressou-se em bater á porta d'um pequeno banqueiro judeu, chamado Meyer Rothschild, mais rico de filhos que de escudos, mas archeologo de merito, e numismata de primeira ordem.

O proprio landgrave tendo grande paixão por cousas antigas, professava alta estima pela sciencia do judeu. Desde cinco ou seis annos era Meyer o fornecedor titular do medalheiro de sua alteza serenissima, e entretinha com o principe correspondencia seguida, sem que este tivesse nunca a queixar-se nem d'uma venda desleal, nem d'um engano nos fornecimentos numismaticos feitos a Hesse-Cassel pelo filho de Abrahão.

— Meyer (lhe disse o landgrave dando-lhe uma caixa trasbordando de florins) sei quanto és honrado. Aqui está o que possuo. Recebe-me isto em deposito, para m'o restituires em melhores tempos.

— Uma tal confiança da parte de vossa alteza honra-me muito (respondeu o judeu); mas, o exercito republicano, que talvez dentro de oito dias estará ás nossas portas?...

— Parece-te?...

— Com o passo que trazem esses endemoninhados, cada um os espera de hora em hora ver cair sobre nós. Comprehendêis?... e o saque, e o roubo?...

— Pois bem, Meyer, entreguemo-nos a Deus! Não te peço recibo.

Sem fazer caso das novas ponderações do israelita, o principe metteu-se de novo na sua sege de posta, deixou-lhe a caixa, e partiu.

Ponto por ponto quanto Meyer Rothschild previra, se realisou. Antes d'uma semana Francfort entregou-se ás tropas francezas. O banqueiro judeu, apontado como máo patriota em relações com mais d'um tyranno, viu a sua casa e a sua caixa saqueada em nome da liberdade dos povos, e ficou completamente arruinado.

Mas os judeus são sempre os mesmos, e não mudaram de Moysés para cá. Sempre pacientes, sempre industriosos, tendo sempre fé no primeiro escudo, que lhes é uma como semente para produzir milhões, sabem restaurar a riqueza, como a aranha a teia.

Quando os vencedores evacuaram Francfort, Meyer tornou a abrir casa de banco, achou novo credito, primeiro nos seus correligionarios, depois em todo o mundo, e isto pareceu mui simples e natural. Chegou mesmo a ser muito mais rico que d'antes. Em 1802 consideravam-no o mais solido banqueiro de Allemanha.

N'essa epocha houve para as testas coroadas um momento de tregoa.

Os principes da confederação do Rheno acharam-se, por vontade ou por força, debaixo da alta tutela do Cesar. Feito, pelo capricho do grande capitão, eleitor do imperio germanico, o landgrave teve permissão para reentrar nos seus estados, e caminhando para elles passou por Francfort. Em tempo tinha sabido pelas gazetas o saque da casa de Meyer. O caso da ruina do judeu, por occasião da invasão republicana, fôra authentico de mais, para que o principe podesse duvidar que a sua caixa tinha caído, havia muito, em poder dos jacobinos. Entretanto fez uma visita ao velho numismata, para lhe protestar que nada perdêra na sua estima e na sua confiança.

— Bons dias, Meyer, bons dias (lhe disse o principe eleitor com aquella franca cordialidade inseparavel das naturezas allemãs). Temos em fim paz, meu velho amigo; mas custa-nos caro! Em mim vês tu um infeliz principe tão pobre como Job!

— Pobre!... vós, senhor!...

— Sem duvida, já que aquelles malditos levaram os meus e os teus escudos. O que te pedia, se isto te não transtornava muito, era que me fizesses um

pequeno emprestimo, por conta da indemnisação que tenho a receber em Cassel.

— Vossa alteza escusa recorrer a emprestimos. Tenho perfeitamente intacto o deposito que me confiou.

— Hein? (murmurou o principe). Pois tu não foste victima do saque?

— Tudo deixei que me tomassem os francezes sem lhes oppor resistencias que os irritassem, e levassem a fazer mais escrupulosas pesquizas em subterraneos em que tinha escondido os vossos diamantes e o vosso ouro.

— Como?...

— Sim, senhor. A minha resignação era um ardil. Não poderam achar a caixa.

— Será possivel! (exclamou o principe tomado de surpreza).

— Ha nove annos que para me indemnisar da perda dos meus florins, ousei fazer valer os vossos. Todas as minhas operações de banco tem sido felizes. Hoje posso sem constrangimento restituir-vos a somma integral com interesses de cinco por cento.

A commoção do principe chegou a arrancar-lhe lagrimas.

— Amigo Meyer (disse elle) és o judeu mais honrado que conheço. Guarda o meu dinheiro, e continúa a dispor d'elle. Perde-o mesmo, e não te dê isso cuidado. Não o quero receber senão d'aqui a vinte annos, e nunca receberei interesse maior de dois por cento.

Eis como a casa Rothschild se fez archimillionaria.

E impossivel ver uma riqueza que tenha origem mais honrosa. Mas d'um rio claro na origem e limpo de limos nem sempre correm para a sua foz aguas egualmente limpidas.

O velhor Meyer morreu em 1812. Antes de exhalar o ultimo suspiro, chamou seus cinco filhos, Anselmo, Salomão, Nathan, Carlos, e Diogo, que receberam d'elle a benção extrema, e lhe juraram conservarem-se fieis á lei de Moysés, nunca se desunirem sob nenhum pretexto, e nada tentarem sem préviamente ouvirem o conselho de sua mãe.

— Se observardes estes tres pontos (lhes disse o moribundo) dentro em pouco sereis ricos entre os mais ricos, e possuireis o mundo!

O velho israelita foi propheta! Sobre o seu tumulo se instituiu uma pentarchia financeira, que em pouco tempo se enthronisou em cinco capitaes da Europa, Francfort, Vienna, Napoles, Londres, e Paris.

O deposito do landgrave de Hesse-Cassel continuou a prosperar de mais em mais no cofre dos herdeiros de Meyer Rothschild.

Em 1814 nas conferencias de Vienna o eleitor contou aos soberanos a anecdota do saque, e o rasgo de generosidade do velho judeu. D'aqui veiu á casa de Francfort a clientela da santa alliança, que a encarregou de todos os emprestimos contrahidos então pelos imperadores da Russia e da Austria, e pelos reis da Prussia, da Inglaterra, da Dinamarca, de Napoles, e da Sardenha; vasta operação financeira em que cada um dos cinco Rothschilds teve sua parte.

A Diogo, o mais moço da familia, e heroe d'esta noticia, coube o emprestimo de duzentos milhões, de que a França carecia para pagar seus amigos ou inimigos.

Dispondo de capitaes enormes, os cinco irmãos estabeleceram em todos os cantos da Europa escriptorios de activissima correspondencia, que os informavam das menores fluctuações dos fundos publicos nas differentes praças commerciaes. Foi assim que operavam com segurança, conservando, cobertas pelo segredo mais impenetravel, garantia de exito certo em objectos de especulação e jogo de bolsa, as suas transacções.

D'est'arte o ouro corria para a sua caixa como maré sempre enchente. Nada fazia parar estes judeus obscuros, tornados credores dos reis e dos povos. Trabalhavam com obstinação no edificio da sua fabulosa opulencia. O seu nome, como outr'ora na Grecia o nome de Pluto, converteu-se em symbolo para significar materialismo feliz, riqueza inaudita, deificação da sacola de escudos. D'um a outro extremo do continente os reis os cumulavam de honras. Até por cartas patentes de Vienna, foram elles e a sua posteridade dos dois sexos, elevados ao baronato. O rei da Prussia, o grão duque de Hesse-Darmstadt, os receberam no numero dos seus conselheiros aulicos. Todas as ordens, todas as fitas, todas as cruzes pendem da casaca d'estes filhos de Israel; e até o soberbo autocrata do norte os encheu de condecorações e attenções.

Principalmente tres dos filhos do velho Meyer parecem ter herdado o seu genio em materia de finanças: foram Nathan, Salomão, e Diogo. Nathan merece especial menção. Em 1798, quando apenas entrava na maioridade, estabeleceu-se em Manchester com quinhentos mil francos, que lhe emprestou a caixa paterna. Em menos de quatro annos triplicou esta somma, e transferiu a Londres a sua casa de banco. O novo circulo dos seus negocios alargou-se logo n'uma proporção gigantesca, graças á sua habilidade rara, e tambem, seja dito de passagem, á sua falta de escrupulo na escolha dos meios. Quem quizer provas d'isto póde ler um dos seus biographos, sir John Francis, na *Historia da bolsa de Londres*.

Agente do governo inglez, e encarregado de lhe servir de intermediario com as potencias continentaes, então em guerra com a França, Nathan foi o unico que se não assustou com a enorme cifra da divida publica, e continuou credito ao gabinete de Saint-James.

Estando em Bruxellas em 1814, no dia da batalha de Waterloo, partiu com a maior pressa para Londres, e chegou vinte e quatro horas antes da noticia official. Comprou toda a renda que encontrou na bolsa, e assim realisou, sem perturbação e sem remorsos, um lucro de trinta milhões. A invasão de 1815 quadruplicou a sua riqueza. Não desprezando os negocios pequenos, sabia conduzil-os a par das mais vastas emprezas do banco. Muitas vezes o ouviam exclamar, na sua temivel algaravia de judeu allemão, que, assim como seu irmão Diogo nunca pôde perder:

— Oh! ás vezes, quando se tem boa vontade, uma lasca de carne de porco vale uma truta do lago de Genebra!

Este financeiro celebre morreu em 1836. Pelo lado do physico era homem de aspecto desagradavel e duro. Vestia com extrema negligencia. De modos e linguagem grosseira, em vão entrára nas altas espheras politicas. Nem o contacto dos heroes mais nobres da aristocracia ingleza podéra despojal-o do seu caracter rustico, que offerecia todos os lados aos ataques do pamphleto e da caricatura.

«A imprensa (diz sir John Francis), sempre disposta á complacencia de registar os actos de beneficencia dos ricos, permaneceu quasi sempre muda ácêrca da caridade de Nathan de Rothschild.»

Nathan recebia á sua mesa principes de sangue, pares e ministros. O clero e a aristocracia curvavam os joelhos diante d'elle: o embaixador democrata dos Estados-Unidos da America, e o do Czar, honravam-se muito com a sua amizade. Todos se prostravam ante Mammona.

Quanto a espirito, não se conta d'elle senão um chiste cynico, a respeito do seu ennobrecimento. Achando-se n'uma reunião face a face com o duque de Montmorency, algum tempo depois da publicação das cartas patentes de Vienna:

— Ah! ah! senhor duque (exclamou elle) sou em



Vista da rua do Ouro, por occasião do consorcio real. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

fim vosso par! Vós sois o primeiro barão christão, eu sou o primeiro barão judeu!

E os reis da Europa não córaram por terem auctorisado o burlesco sacerdote do bezerro d'ouro, a fustigar assim o brazão que dizem ser o mais illustre da França.

Foi a Nathan que, em primeiro logar, se attribuiu outr'ora o projecto de fazer cessar os destinos errantes dos judeus, reunindo-os nas bordas do Jordam, sobre a mesma terra promettida, de que foram expulsos ha dezoito seculos. Diziam que o rico banqueiro queria comprar Jerusalem aos turcos, e restabelecer n'ella os seus correligionarios dispersos pela superficie do globo. Naturalmente os judeus reconhecidos não deixariam de o nomear rei da Palestina. Mas a noticia era pura invenção. Como os *cokneys* de Londres, os basbaques de Paris, que em nada lhes cedem, attribuiram tambem ao seu Rothschild, o barão Diogo, este singular projecto de reorganisação do antigo reino de Herodes.

Depois da expedição á Grecia póde-se ouvir o liberalismo parisiense cantar em côro uma espirituosa lamentação, em que havia esta estancia:

«Un juif faisait monter l'enchère,
Disant: Aux bords de l'Hissus
Je signerai dans peu, j'espère:
«Nous, par la grace de Plutus,
Rothschild premier, roi des tribus.»
Et si, plus trad, quelq'un me done
Pour l'obtenir un joli gain,
Je lui revendrai ma couronne....
Vive, vive le droit divin.»

Casado com a irmã de Isaac Cohen, que lhe levou de dote doze ou quinze milhões, Nathan teve quatro filhos, o mais velho dos quaes, Leonel, lhe succedeu na direcção da casa de banco.

É este Leonel que todos os annos se faz eleger membro da Camara dos Communs, pelos negociantes da Cité de Londres, mui humildes subditos da sua burra. Depois, quando chega a hora de prestar o juramento formulado na constituição da Grão Bretanha, e que começa *Juro sobre o Evangelho*, o heroico judeu, á parte Moysés, obstina-se em não abrir bocca. Annullam-lhe por isso a eleição. Mas no anno seguinte o intrepido observador do Thalmud faz que lhe dêem os mesmos votos, e renova a mesma comedia parlamentar. Chegará agora a vez de o admittirem no parlamento, sem dependencia de juramento?

Voltemos ao barão Diogo.

Partindo de Vienna para se estabelecer em Paris, quando o sceptro caiu das mãos de Napoleão, Diogo applaudiu com todas as suas forças a quéda d'um poder detestado pela sua familia, que nunca deixára de o combater com as mais terriveis armas d'este seculo de egoismo e materia, o dinheiro e o credito.

Como já dissemos, Diogo foi o principal adjudicatario dos emprestimos contrahidos pela restauração. Elle e seu irmão de Londres foram os encarregados de receber, por conta da santa alliança, o milhar de milhão de despezas da guerra, e os dois milhares que os vencedores impunham, como indemnisação, á França.

Um rio d'ouro passou pelo seu cofre, e o fecundou com o seu limo. Nunca foi possivel avaliar o enorme proveito que tirou d'esta grandissima operação. Em recompensa dos serviços prestados á dynastia legitima, Diogo não pediu mais, que um modesto favor: rogou ao ministro Villèle, que lhe obtivesse do rei permissão para que a baroneza, sua esposa, fosse recebida na corte.

Verdadeira dama, com maneiras cheias de distincção, a baroneza, sobrinha e esposa de Diogo, filha de seu irmão Salomão, teria feito flores nas Tulherias. Infelizmente foram pedir conselho á duqueza de Angoulême, que exclamou com ar escandalisado:

— De certo não pensaes em pôr aqui escabello para uma judia! Esquecereis que o rei de França é por excellencia o rei christianissimo?

O barão e a baroneza tiveram que renunciar á sua orgulhosa esperança. Mas o dinheiro, como as mulheres, tem sempre vingança prompta, e o paço não tardou em arrepender-se de ter excitado o rancor do poderoso financeiro, que começou a recusar auxilios metallicos a reis tão tolos, que não queriam incensar Baal!

(Continúa).

VIAGENS EM HESPANHA.

DE BARCELONA A VALENCIA.

Saí de Barcelona a 13 de outubro, e segui a estrada de Madrid até Molins de Rei, pequena villa de mil habitantes, que tem algumas fabricas de blondes, muito trafico de vinho para a capital do principado, e varios moinhos movidos pelas aguas do Llobregat, sobre o qual ha uma ponte, em cuja extremidade se aparta o caminho de Valencia da estrada que continúa para Madrid. Aquella villa foi saqueada e incendiada pelos francezes, na sua retirada, depois da perda da batalha de Bruch em 1808.

A cousa de tres legoas de Molins de Rei começa a subida de Coll de Ordal, celebre pelos muitos combates que alli se deram na guerra da independencia, como testimunham os restos ainda existentes das fortificações que se construiram n'aquellas montanhas, e pelas importantes obras que se fizeram para abrir o actual caminho atravez d'este aspero terreno, sendo a principal a magnifica ponte de Lledonés, que atravessa um profundo barranco, e é composta de dez arcos construidos com solidez e elegancia; sendo ponto militar de grande importancia, que os inglezes não poderam defender em 1813.

Villa-franca del Panadés é a povoação que em seguida se encontra, situada n'uma formosa e fertil planicie, limitada, a cinco legoas ao nordeste, pela magestosa e pittoresca serra de Monserrate. Tem perto de 6.000 almas, alguns estabelecimentos fabris, uma egreja parochial, que passa por bello exemplar de architectura religiosa, e um bonito passeio denominado *Rambla*. Segundo os historiadores hespanhoes, é uma das mais antigas povoações de Hespanha, e occupa o local da *Carthago vetus*, um dos primeiros estabelecimentos dos carthaginezes na Catalunha, attribuindo-se sua fundação a Amilcar.

Continuando a jornada, encontra-se entre Vendsell e Torre-denbarra, villas que nada offerecem de notavel, o portal ou arco de Bará, construcção romana muito deteriorada, tendo sobre a fachada a seguinte inscripção: — *Ex testamento L. Licini, L. F. Serg Suræ consecratum.*

A uma legoa de Torre-denbarra, proximo e á direita da estrada, se vê o sepulchro romano, chamado vulgarmente Torre de los Scipiones, onde dizem se acham os restos mortaes d'aquelles heroes, o que não é crivel, sendo ignorado inteiramente o logar onde jazem.

Este monumento, que terá uns trinta pés d'altura, acha-se muito estragado pelas injurias do tempo, e sobre a fachada tem esculpidas duas figuras em attitude de prantear. Tinha duas inscripções sobre alabastro, e no fragmento que existe de uma d'ellas apenas se póde ler a palavra *Perpetuo*. Grande lição para o homem que, possuido de vão orgulho, julga fazer obras eternas!

A poesia do passado presta inexprimivel encanto aos quadros pittorescos e variados que d'este logar se gozam sobre Tarragona e seus arredores.

Esta cidade é a capital da provincia do seu nome, e a séde de um arcebispo metropolitano, que se intitula primaz das Hespanhas. Está situada sobre uma eminencia de perto de 250 metros d'altura, banhada d'um lado pelo Mediterraneo, que lhe fórma o porto, e do outro pelo rio Francoli, que rega sua fertil cam-

pina. É praça forte pela natureza e pela arte; tem uns 12.000 habitantes, um hospital militar e civil, theatro, asylos de orfãos e orfãs, casa de correcção para mulheres, presidio correccional, quatro conventos de freiras, eschola normal, instituto denominado tarraconense, academia de bellas-artes; escholas de arithmetica, de mathematicas puras, e de architectura civil; museu de antiguidades, bibliotheca, seminario, e varias sociedades de commercio, que é bastante animado, mantendo-se activas communicações com as ilhas Baleares, Valencia, Barcelona e Reus.

O edificio mais notavel é a cathedral no estilo normando de mistura com differentes ordens. Foi começada em 1131, e offerece ao exame do viajante muitos objectos artisticos, monumentos funerarios, e antiguidades de grande interesse. A pia baptismal é muito notavel: era um banho romano, ou um sarcophago achado no palacio do imperador Augusto, que dizem ser o edificio que hoje serve de prisão, e cujos muros tem em alguns logares mais de dois metros de espessura. O claustro é um verdadeiro museu de antiguidades e de architectura.

A fundação de Tarragona perde-se na noite dos tempos, descobrindo-se nas antigas construcções vestigios da epocha dos phenicios. A cidade actual é, em grande parte, construida com os fragmentos dos edificios romanos, de modo que em algumas partes, como no armazem da artilharia, ha tantas inscripções romanas incrustadas nas pedras, que se poderia dizer que as paredes fallam latim. A obra, porém, mais notavel do povo rei, ainda hoje existente em Tarragona, é o admiravel aqueducto chamado Puente de las Ferreras, a cousa de uma legoa da cidade.

Segundo a tradição, Pilatos foi natural de Tarragona, ou ao menos exerceu alli magistratura, e n'essa epocha subia a população a milhão e meio de habitantes, chegando a cidade á actual villa de Constanti, que dista agora uma hora de caminho. Depois de n'ella reinarem 47 imperadores, foi tomada e destruida pelos godos. No tempo de D. Rodrigo os sarracenos novamente a assolaram, e, passado um seculo, a recobrou D. Ramon Berenguer, conde de Barcelona, continuando depois a soffrer varios ataques e calamidades da guerra.

Tem-se celebrado em Tarragona mais de cem concilios: alli aprompton D. Jaime I d'Aragão sua poderosa armada para a conquista de Malhorca.

Seguindo jornada, a distancia de duas legoas encontra-se a importante villa de Reus, de mais de 26.000 habitantes, manufactureira e animada, offerecendo notavel contraste com a triste e solitaria Tarragona. Tem algumas 4.000 casas, muitas d'ellas modernamente construidas, 11 praças publicas, 13 fontes, e muitas hospedarias e pousadas. Elaboram alli algodão, seda, couros cortidos, louça, pipas, e vasilhas de toda a especie.

Entrei na estrada directa de Tarragona a Valencia, pouco antes da villa de Cambrils, povoação de 2.600 habitantes, cujos arredores abundam em vinhos e outros productos agricolas, e que foi antiga praça d'armas, vendo-se ainda restos de seus baluartes e muralhas.

Segue-se Hospitalet, insignificante povoação, e depois se entra no Coll de Balanguer, longa garganta d'asperas e incultas montanhas, atravez das quaes faz o caminho muitos angulos em declive até descer a planicies de charneca perto do mar. Esta passagem era d'antes muito infestada por ladrões; mas na occasião em que a passei havia toda a segurança, devida ao excellente serviço de policia e vigia de estradas em Hespanha, feito pela guarda civil.

Transposto o Coll de Balanguer, se acha na falda da montanha d'este nome a povoação de Terello, e tres legoas mais adiante topámos com a margem esquerda do Ebro, que atravessámos n'uma má barca, para passar a Amposta, feia e pobre villa, a pouca distancia da embocadura do rio, cujas margens n'este logar são estereis, e não apresentam belleza alguma. Pode, porém, Amposta tornar-se ponto importante, se o Ebro se tornar navegavel, concluindo-se as grandes obras do canal, que estão em andamento.

Em geral o paiz que percorri desde Barcelona ao Ebro é mui pouco povoado, agreste e escalvado. A estrada, porém, era excellente e muito bem conservada.

A Catalunha, que por este lado tem por limite natural o Ebro, fórma quasi um triangulo, tendo por base o litoral sobre o Mediterraneo na extensão de 68 legoas, comprehendendo 1.200 quadradas de superficie, e mais de um milhão de habitantes. É uma das mais ricas provincias de Hespanha, e onde se observa mais actividade e industria, tanto no commercio, como em manufacturas e agricultura. O solo, em geral agreste e esteril, se torna productivo e até fertil á força do trabalho e industria dos cultivadores catalães, que sabem transformar asperos rochedos em pequenos campos productivos, sendo principalmente notaveis na arte da irrigação e aproveitamento das aguas em que abunda o seu paiz.

A Catalunha produzia e exportava muito vinho, e algumas 35.000 pipas de aguardente por anno, antes da molestia das vinhas. O azeite, trigo, linho, cortiça e varios outros productos agricolas tambem alli abundam, e alimentam com as manufacturas o activo commercio d'aquella provincia.

De Amposta fui a S. Carlos da la Rapita, pequena e moderna cidade, edificada por Carlos III em frente da ponta dos Alfaques, lingua d'areia que forma um pequeno porto ao sul da embocadura do Ebro, e que communica com este rio por meio de um canal.

Deixando o territorio do antigo principado da Catalunha, entrei no do reino de Valencia, e segui a Vinaroz, povoação de mais de 9.000 habitantes, quasi todos maritimos e lavradores. Tem restos de muralhas antigas; mas as suas ruas e edificios nada offerecem de notavel. Vindo do norte, foi onde primeiro vi palmeiras. O duque de Vendome alli morreu em 1712, e Filippe V fez transportar seus restos mortaes para o jazigo dos reis no Escurial. Atravez de extensas vinhatarias e bonitas paizagens passei de Vinaroz a Benicarló, porto de mar habilitado para exportações para paizes estrangeiros. Conta uns 6.000 habitantes. É cercada de muros e fossos, e tem um castello antigo quasi em ruinas. Parece miseravel povoação no meio da fertilidade e rica vegetação do paiz. Era o tempo das vindimas, e tanto aqui, como em Vinaroz e n'outros povos onde passei, para áquem do Ebro, a lama das ruas e as pernas dos habitantes tudo se via tinto pelo sumo da uva, o que me fez julgar que ha a mesma negligencia que entre nós a respeito da fabricação do vinho, sendo o tinto que se produz n'este territorio muito afamado, e se exporta para França para temperar o vinho de Bordeos fraco, e adaptal-o ao paladar britannico. Contrafazem o nosso vinho do Porto, e fabricam má aguardente, que exportam para Cadiz.

Segui para Alcala de Chisvert, feia villa de uns 6.000 habitantes, deixando á esquerda a praça de Peniscola, celebre por sua forte posição e fortificações, e que dizem similhar Gibraltar em miniatura.

Passando por Torreblanca cheguei a Castellon de la Plana, capital da provincia d'este nome, com porto de mar a pequena distancia. É cidade florescente, industriosa, com boas ruas e edificios, e 15.000 habitantes, sendo muito fertil e bem cultivada a planicie em que está assente, e que é regada por um bom canal. É patria do celebre pintor Ribalta, e nas suas egrejas e conventos existiam algumas das melhores obras d'este artista.

São dignas de ver-se algumas egrejas; el Sepulcro, que diz a tradição fôra esculpido por anjos; a Torre de las Campanas, octogona, e com 260 pés de altura; a Cartuja de Val Cristo, edificada no seculo XIV; e o convento Bonifassa, fundado por Jaime I; ainda que estes dois ultimos edificios se acham em deploravel estado.

Entre Castellon e Villa-real se atravessa o rio Mijares sobre uma formosa ponte construida em 1790, no reinado de Carlos IV.

Villa-real tem uns 8:000 habitantes, e o seu termo, d'uma legoa de diametro, é muito fertil e regado pelas aguas do rio Mijares. A egreja parochial é digna de ver-se, e principalmente a sua torre octogona.

Seguem-se Nules e Almenara, pequenas villas no meio de ferteis e amenos territorios, povoados de vinhas, olivedos e alfarrobeiras, tendo muitas terras regadias que produzem varios fructos, e que apresentam bonitas perspectivas.

Cheguei a Murviedro de madrugada, quando os primeiros raios do sol douravam as ruinas do famoso theatro romano da antiga Sagunto, sito na encosta da eminencia que domina a povoação actual, e que é coroada por longa linha de muros e de torres de construcção mourisca.

A rica e celebre cidade de Sagunto foi fundada por uma colonia grega de Zante, 1384 annos antes de Christo, e tinha porto de mar, que hoje está a mais de uma legoa de distancia. É bem conhecida na historia sua heroica defesa contra Annibal, que a tomou e destruiu até aos fundamentos. Reedificada pelos romanos, que d'ella fizeram um municipio, foi de novo arruinada pelos godos e pelos mouros.

A moderna Murviedro é uma triste villa, de pouco mais de 6.000 habitantes, quasi todos agricultores e vinhateiros. Offerece, porém, interesse ao antiquario, por suas grandes recordações e preciosas antiguidades romanas, como as ruinas do theatro, do circo, do porto, e pelas muitas lapidas e medalhas que frequentemente se descobrem.



Porta de Serranos em Valencia.

Nas cinco legoas, pouco mais ou menos, de Murviedro a Valencia não se encontra nenhuma povoação importante; mas atravessa-se uma das mais ricas e bem cultivadas planicies do mundo, chamada a Vega de Valencia, que no fim de outubro apresentava a verdura e galas da primavera: vinhas, pomares, campos d'arroz, e graciosos bosques de amoreiras baixas e arredondadas, tudo fórma encantadora paizagem, semeada de infinidade de pequenas povoações, casaes e habitações campestres. Tendo percorrido 54 legoas desde Barcelona, pela porta de Serranos entrei em Valencia del Cid, e fui alojar-me na hospedaria que tem o nome d'este heroe, tão popular em toda a Hespanha.

C. J. CALDEIRA.

PENSAMENTOS DE STENDHAL.

Quanto mais se agrada geralmente, menos se agrada profundamente.

A imitação dos primeiros dias da vida faz que nós contrahamos as paixões de nossos parentes, ainda mesmos quando estas paixões envenenam a nossa vida. Tal é um dos primeiros effeitos do orgulho.

A maior parte dos homens tem um momento na sua vida em que podiam fazer grandes cousas. Este momento é aquelle onde cousa alguma lhe parece impossivel.

Que excellente conselheiro não teria um homem na sua mulher, se esta soubesse pensar!

N. S.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Nada pesa mais que uma corôa.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B